



O ESPORTE ENTRE OS INDÍGENAS NO BRASIL: CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES E ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO

Arthur José Medeiros de Almeida¹

RESUMO

O texto aborda a vivência da prática esportiva entre diferentes etnias indígenas que habitam o território brasileiro, enfatizando sua concepção e forma de organização. Tem-se por objetivo fornecer subsídios teóricos referentes à prática do esporte entre os indígenas para propiciar uma reflexão crítica acerca do fenômeno esportivo entre os indígenas. Neste íterim, a partir da revisão de literatura, compreende-se o esporte como uma prática social que tem sua gênese na sociedade ocidental moderna. Prática esta, possuidora de princípios e características que a diferencia de outras práticas corporais. Com este entendimento, observa-se que a apropriação do esporte pelos povos indígenas brasileiros influencia a constituição de identidades e promove alterações no comportamento dos indivíduos. Isto ocorre devido à educação proporcionada por meio da prática esportiva em diferentes contextos de interação dos quais os indígenas participam.

Palavras-chaves: Esporte, Índios, Identidade

THE SPORT AMONG INDIGENOUS PEOPLES IN BRAZIL: CONSTITUTION OF IDENTITIES AND BEHAVIOR CHANGES

ABSTRACT

The text discusses the sport experience among different indigenous ethnic groups that inhabit the Brazilian territory, emphasizing their conception and form of organization. It aims to provide theoretical grants concerning the practice of sports among the indigenous people in other to provide a critical reflection on the phenomenon of sports among the indigenous. In the meantime, from a literature review, understand the sport as a social practice that has its genesis in modern Western society. This practice, with principles and characteristics that differentiates it from other bodily practices. With this understanding, the ownership of the sport by indigenous Brazilian influences the formation of identities and promotes changes in the behavior of individuals. This occurs due to education provided through sport in different contexts of interaction of which the indigenous people participate.

Key Words: Sport, Indians, Identities

¹ Prof. Ms. em Educação Física e doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília.



EL DEPORTE EN MEDIO LOS INDÍGENAS EN EL BRASIL: CONSTITUCIÓN DE IDENTIDADES Y ALTERACIONES DEL COMPORTAMIENTO

RESUMEN

El texto aborda a la experiencia del práctica esportiva entre diversos etnias indígenas que viven en el territorio brasileño, acentuando su concepto y forma de organización. Se tiene para que el objetivo provea referir subsidios teóricos el práctico del deporte entre los indígenas al propitiare una reflexión crítica referente al fenómeno del esportivo entre los indígenas. En este medio tiempo, de la revisión de la literatura, el deporte se entiende como un uno social práctico que tenga su gênese en la persona occidental moderna de la sociedad. Práctico el, el poseer de principios y características que lo distinguen de otros prácticos corporales. Con este acuerdo, se observa que la apropiación del deporte para las gentes indígenas brasileñas influencia la constitución de identidades y promove alteraciones en el comportamiento de los individuos. Esto ocurre de el que está debido a la educación proporcionada por medio del esportiva práctico en diversos contextos de la interacción de los cuales los indígenas participan.

Palabras clave: Deporte, Indios, Identidad

Introdução

Os povos indígenas na contemporaneidade vivem em meio a constantes relações sociais com outros povos e com a sociedade nacional. Torna-se inevitável, portanto, o contato com valores, instituições e conhecimentos distintos daqueles que compõe suas cosmologias. Entende-se que estas relações interétnicas vêm se desenvolvendo com grande intensidade devido à intensificação das trocas econômicas, informacionais e simbólicas durante as últimas décadas. As relações interétnicas, proporcionadas pelo aumento na complexidade de processos modernos, proporcionam profundas transformações de ordem social, econômica, política e cultural nas sociedades envolvidas, com maior ou menor intensidade.

As sociedades indígenas possuem organizações sociais distintas entre si e da sociedade nacional. Constituem, desse modo, a diversidade sociocultural do país, pois trata-se de aproximadamente 225 etnias que possuem mais de 180 idiomas. (ISA: 2006: 7). No entanto, algumas semelhanças e contradições vêm à tona. Nelas, de forma geral, a ação pedagógica tradicional se dá por meio da transmissão oral do patrimônio cultural – dos mais velhos aos mais jovens – e, também através de práticas corporais tradicionais vivenciadas no cotidiano das comunidades. O indígena apreende os padrões culturais de sua etnia a partir de relações ritualizadas, de modo a constituir sua identidade por meio de seu corpo e, assim, se tornar apto a assumir um determinado papel social. As crianças indígenas aprendem os conhecimentos sobre a natureza, os costumes, as crenças e as técnicas, também em atividades rotineiras nas quais estão reunidas habilidades corporais e a capacidade lingüística e intelectual.

Com a intenção de integrar os indígenas à sociedade nacional, o Estado brasileiro instituiu no século XX a educação escolar indígena, que se baseava em transformar indígenas tidos como selvagens em pessoas “civilizadas”. Esses povos deveriam abdicar de sua língua, crenças e padrões culturais. A estruturação da educação escolar indígena rompia e, em certa medida, ainda rompe com a noção de



ensino e aprendizagem que ocorrem de forma contínua e incorporada à rotina das comunidades. A ação Missionária também deve seu papel no processo educativo das comunidades indígenas que estão em território brasileiro. Com o objetivo de catequizar os indígenas, essas missões educavam população autóctone com vistas a incorporar valores culturais ocidentais, provocando alterações no modo de conceber o mundo.

Com essa compreensão, foi apresentado aos indígenas o esporte, como instrumento de transmissão de outros padrões culturais, entre eles a língua nacional e as técnicas corporais condizentes com o modo de vida moderno. Tendo em vista que o corpo é local de aprendizado social, o esporte é visto como um meio de educação do corpo indígena, em que estratégias foram desenvolvidas para que ocorresse a integração destes povos à sociedade nacional. Parte-se do suposto que o esporte é uma prática social que possui sua gênese na sociedade ocidental moderna e que é apropriado por sociedades culturalmente distintas. O esporte, numa lógica inerente à cultura ocidental moderna, transforma o indígena corporalmente, na medida em que altera seu *habitus* (BOURDIEU, 2008), moldando outros corpos e, então, constituindo outras identidades indígenas. As formas de aprendizado provenientes do esporte de alto rendimento, como o treinamento, por exemplo, reafirmam uma disciplinarização e uma especialização que impõe ao corpo indígena a cultura não-indígena.

O presente trabalho tem como método de investigação a revisão de literatura e o intuito de fornecer subsídios teóricos referentes à prática do esporte entre os indígenas para propiciar uma reflexão crítica acerca das alterações na educação do corpo indígena. Sendo assim, espera-se contribuir para que debates sejam realizados de maneira qualificada, bem como colaborar com àqueles que irão se envolver diretamente com pesquisas, com a educação escolar indígena ou com políticas públicas de esporte e lazer para estes grupos. Sejam as lideranças indígenas, sejam não-índios que participam de programas de formação de professores indígenas, os alunos indígenas e demais interessados na temática abordada.

Compreendendo o fenômeno esportivo

O esporte é um fenômeno contraditório que possui características próprias diferenciadoras de outras práticas sociais e corporais. É um fenômeno moderno e, segundo Bracht, “resultou de um processo de modificação, [...] de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, e também de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa” (2003, p. 13) decorrente de novos estilos de vida, consolidados pela industrialização e urbanização no âmbito da cultura européia no século XVIII.

O termo *esportivização* é entendido como um “processo de absorção por outras práticas corporais inicialmente não-esportivas, dos códigos e princípios que caracterizam o esporte” (BRACHT, 2003, p. 24). A *esportivização* é um fenômeno que afeta tanto a cultura corporal de movimento como a própria subjetividade e, nesta ótica, é apresentado dois diferentes sentidos a este termo. O primeiro refere-se ao processo de modificação de práticas corporais que passam a assumir os códigos do esporte de alto rendimento, quais sejam: “comparação objetiva, desempenho, regras oficiais únicas, institucionalização, racionalização das práticas/treinamento na busca por maximização do desempenho” (GONZÁLEZ, 2006, p. 78). O segundo sentido de *esportivização* é compreendido como o processo de incorporação da lógica do esporte de alto rendimento em outros espaços sociais que não sejam aqueles do campo das práticas corporais.



Compreende-se que a lógica dessa prática social penetra em outros espaços afetando as diferentes sociedades. González (2006) ainda traz a contribuição de Adorno (2004) que analisa o esporte na indústria cultural e entende como processo de esportivização uma socialização a partir da relação do público indígena, neste caso, com o esporte-espetáculo, contribuindo, nesta perspectiva, para a formação de sua subjetividade. Todavia o processo de esportivização se evidencia quando se observa que a lógica do esporte de alto rendimento – espetáculo, competição e rendimento – se faz presente nos diferentes espaços e, desse modo, permeia as relações sociais modificando a visão de mundo dos indivíduos (GONZÁLEZ, 2006, p. 79). Segundo o autor, esse processo tem proporcionado posicionamentos contrários à esportivização de diversas manifestações, como a capoeira, os jogos e as práticas corporais tradicionais. Fato é que o fenômeno esportivo penetrou na cultura corporal de movimento de diversas comunidades indígenas e não-índias, tornando-se sua expressão hegemônica, o que tornou legítima a utilização do termo “esporte” para referir-se a uma gama de outras práticas corporais.

A abordagem sociológica de base marxista situa o esporte como instituição e o apresenta como um elemento da cultura ocidental que reproduz as determinações da estrutura social mais ampla. Nessa perspectiva, o esporte é compreendido como uma instância composta por elementos materiais e produtos culturais, possuidor de grupos específicos, com agentes de autoria e hierarquias em que os papéis são definidos. O esporte estudado sob esta matriz teórica demonstra que a estrutura do modo de produção industrial nele se reproduz como o princípio do rendimento, a competição e a hierarquia social. Nessa perspectiva, o esporte funciona como reproduzidor das relações sociais desiguais das sociedades capitalistas. A competitividade, culturalmente reforçada por meio do esporte, se insere de tal modo nas relações sociais das sociedades, que pode até resultar em exclusão e individualismo, rivalidades e disputas exageradas.

Stigger (2002), por seu turno, observa ambigüidades no que se refere à tentativa de definição do termo esporte, ou na tentativa de encontrar sua essência, seu significado. Deve ser entendido como um fenômeno humano que constitui um conjunto social e cultural, ou seja, como um conjunto de normas, valores e representações orientadas por aspectos macrossociais. Há ainda símbolos coletivos e comportamentos determinados em sua prática. Tendo a convicção de que não se trata de uma prática que apresenta um único sentido, considera-se que o esporte possui diferentes dimensões ou formas de ser praticado. Não obstante, para uma compreensão mais ampla, apresenta-se outra dimensão do esporte: o esporte de lazer ou recreativo, que pode ser visto como uma prática corporal realizada no tempo livre, trazendo consigo menos a rigidez das regras institucionalizadas do que a fluidez do comportamento lúdico.

Todavia, mesmo em sua dimensão recreativa, a competitividade se faz presente e influencia as práticas de lazer esportivo. Com a compreensão de que o comportamento dos indivíduos é formado num processo educativo, condicionado pelo meio social em que a pessoa está inserida, a escolha pelo lazer esportivo é condicionada por uma organização social mais abrangente, impregnada de relações competitivas, fazendo com que os indivíduos dessas sociedades construam sua personalidade baseados em valores da sociedade ocidental moderna. O caráter competitivo é a essência do esporte e fator preponderante no alto rendimento.

Assim, atualmente, em qualquer situação onde o esporte é praticado e independente dos motivos que levam a essa prática, seja pelo lazer, pelo rendimento ou como Educação Física Escolar, a tendência é pela



normatização e padronização dessas práticas, impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado. Isto coíbe, inclusive, uma participação subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte (KUNZ, 2006, p. 23).

Portanto, o modelo de esporte reforçado e praticado nos diferentes âmbitos da sociedade ocidental moderna é o do esporte de alto rendimento, aqui entendido como aquele que possui “as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas” (BRACHT, 2003, p. 18), ou ainda, como aquele “que é sistematicamente treinado com o objetivo de participar periodicamente em competições esportivas” (KUNZ, 2006, p. 48). São seus princípios básicos: “sobrepunção” e “comparações objetivas” (KUNZ, 2006, p. 22). Esses princípios trazem como conseqüências os “processos da seleção, da especialização e da instrumentalização”, propiciando que as técnicas corporais assim como a organização do espaço físico e os materiais utilizados sejam cada vez mais normatizados e padronizados.

Guttmann (2004) apresenta algumas características do esporte que não estavam presentes anteriormente nas práticas corporais, como os jogos e as brincadeiras indígenas. São elas: secularismo, igualdade, racionalização, especialização, organização burocrática, quantificação e o *record*. Na visão do autor, o esporte moderno é uma prática desvinculada de cerimônias ou festas religiosas diferente das práticas corporais indígenas – jogos, danças e brincadeiras. A ligação entre o real e o transcendental foi rompida, pois, na medida em que há uma normatização com o intuito de propiciar a competitividade, essa prática é apartada da espiritualidade desses povos.

O esporte de alto rendimento, imbuído de valores seculares, como os do rendimento e da competitividade, com suas normas e exigências, contribui para formar uma outra identidade entre os indígenas, com base em uma cosmologia distinta da sua etnia. Neste processo tem-se um “confronto cosmológico” que gera tensões e conflitos nestas comunidades. Torna-se oportuno, desse modo, refletir sobre o desenvolvimento humano proporcionado pelo esporte de alto rendimento e seu impacto na vida social do indivíduo e da comunidade.

O esporte entre os indígenas

Cada comunidade indígena experimentou o primeiro contato com o esporte de modo específico. Deste processo participaram o Estado por meio de planos e programas, ações missionárias, professores em escolas indígenas e ainda, cidadãos que vivem no meio urbano próximo as aldeias. Mais recentemente as mídias tem tido papel importante na relação dos indígenas com o esporte, assim como eventos culturais que utilizam o esporte como instrumento de inclusão e interação social. Os Jogos dos Povos Indígenas é exemplo de um evento em que muitas comunidades indígenas têm contato com o esporte, o que contribui para sua apropriação em outros contextos (ALMEIDA, 2008).

Ações de entidades governamentais e não-governamentais contribuíram para a adoção do esporte por parte dos indígenas, através de projetos como a “Aldeia Cultural”, que contempla competições de futebol, vôlei, natação, lutas e corrida do buriti. A “Caravana do Esporte” promovida pelo Instituto Esporte Educação, com sede no Rio de Janeiro, visando desenvolver habilidades de modalidades como o vôlei, futebol e basquete entre os indígenas. Outros projetos como “Esporte para Todos”, no



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Estado do Pará, em comunidades daquela região também proporcionaram a adoção do esporte por diferentes etnias indígenas que habitam o território brasileiro. (VINHA, 2005, p. 149).

Como consequência, explica-se a causa da apropriação do futebol, por parte desses povos visto que essa modalidade esportiva adapta-se bem “a várias condições e regras” (FASSHEBER, 2005, p. 157). Se, por um lado, os jogos e as brincadeiras tradicionais ficaram marginalizados no contexto de desenvolvimento da sociedade nacional, excluídos da cultura corporal de movimento da maior parte da população, por outro, o esporte rapidamente se difundiu entre as diferentes etnias indígenas no território brasileiro.

Em algumas etnias, como é o caso dos Kadiwéu, existem hoje departamentos para o esporte e o lazer na estrutura política dessa comunidade tamanho é o interesse dessa prática social entre seus indivíduos (VINHA; ROCHA FERREIRA, 2003, p. 151). Segundo as autoras, em pesquisa realizada com o objetivo de compreender o esporte – na modalidade futebol – entre os Kadiwéu, constatou-se que existe uma mobilização de todos os indígenas para organizar o esporte na aldeia Bodoquema. Essa organização consiste na decisão das equipes que irão representar seu povo, no preparo de uniformes, na adoção de estratégias para aquisição de materiais para os treinos, na melhoria da estrada de acesso à aldeia, em visitas às cidades próximas e na limpeza e demarcação do campo localizado na aldeia. A partir desse panorama, observa-se que a prática do futebol está voltada para a participação em torneios, inclusive com a seleção de equipes. Neste cenário, nota-se que:

A formação dos técnicos da aldeia vem ocorrendo com ajuda dos patrícios habitantes na cidade vizinha e na capital. Os patrícios trazem informações de revistas, gravam fitas de vídeo e discutem informações que ajudam a compreender a modalidade. A mídia é acessada por rádio ou nas esporádicas transmissões coletivas realizadas na varanda da escola, usando a TV e o vídeo, que são de uso quase exclusivo dos alunos. Nos finais de semana, há também o trânsito realizado por alguns aficionados por futebol que estudam nas universidades próximas, mas vivem na aldeia. Tanto os técnicos como as lideranças esportivas usam a metalinguagem da educação física e do esporte: patrocinadores, massa, lazer, evento esportivo, treinos técnico-tático (VINHA; ROCHA FERREIRA, 2003, p. 152).

Entre os Kadiwéu e os Kaingàng o futebol é praticado por homens e mulheres de todas as idades; no entanto, elas participam menos de campeonatos fora da aldeia. A participação dos indígenas em competições esportivas, que são realizadas na maioria das vezes nas cidades, exige maior conhecimento tanto tático quanto técnico para o êxito da vitória, levando-os a buscar o conhecimento científico, que contribui para a assimilação de outros os sentidos para o uso de seus corpos. Nota-se que a forma de vivenciar o esporte entre povos segue os princípios indicados por Guttmann (2004) e Kunz (2006), pois se percebe uma organização burocrática que envolve hierarquia social, seleção de equipes e treinamento racionalizado com o intuito de melhorarem seu rendimento em competições esportivas.

Realidade semelhante se verifica entre os Bororo da Aldeia Meruri, localizada a 400 km de Cuiabá, Mato Grosso. Em estudo feito por Grando (2004) sobre *As relações interculturais nas práticas corporais Bororo*, a autora observou que



O futebol é praticado com várias finalidades: como atividade lúdica promovida de forma espontânea entre crianças e familiares, como atividade escolar, durante as aulas de Educação Física, como treinamento e aprendizado, como competição na própria comunidade e, finalmente, como amadorismo, em jogos oficiais de futebol amador fora da aldeia (GRANDO, 2004, p. 279- 280).

Com o interesse dessa etnia em melhorar seu desempenho, frente aos adversários nos torneios dos quais participam, os Bororo introduziram conteúdos técnicos e táticos dessa prática esportiva no âmbito da educação escolar indígena. Com efeito, as técnicas corporais e os comportamentos foram alterados a partir de uma maior compreensão das regras e da tática do futebol que, segundo a visão da autora, se tornou institucionalizado na aldeia, se estabelecendo como “rituais semanais” (GRANDO, 2004).

Os estudos analisados mostraram que na relação entre esporte e as sociedades indígenas, seus elementos culturais são preservados e inseridos na prática esportiva, embora outros elementos tenham seus sentidos modificados, indo ao encontro de interesses políticos e econômicos relacionados ao fenômeno esportivo. Observa-se, contudo, a predominância da lógica do esporte de alto rendimento nas práticas esportivas realizadas entre os indígenas de algumas aldeias no Brasil. Com efeito, valores modernos vêm sendo inseridos no cotidiano dessas comunidades, por meio do esporte, determinando relações sociais e contribuindo para que ocorram mudanças comportamentais.

A educação do corpo indígena: alterações no comportamento

Os princípios e as características do esporte de alto rendimento identificadas desencadeiam um processo de individualização e constituem um conjunto de representações características de um modo de ser próprio das sociedades altamente reguladas e diferenciadas. Neste sentido, deve-se ter conhecimento das diferentes formas de se vivenciar a prática esportiva, bem com compreender os valores transmitidos pelo esporte que influenciam a educação indígena. Lucena (2001) em *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro* analisa a contribuição do *Processo Civilizador* de Elias (1994) ao estudo do fenômeno esportivo e afirma que:

A análise de Elias caminha no sentido de uma explicação que compreenda essa prática [o esporte] como componente de um processo não planejado e que tem, nas inter-relações com outros processos sociais, a possibilidade de um entendimento de uma mudança em larga escala e em diferentes níveis, culminando com comportamentos sociais diferentes da fase anterior (LUCENA, 2001: 47).

A explicação aponta para um processo peculiar de diversificação de funções nas sociedades diferenciadas, complexas e com ações individualizadas e rigidamente reguladas. O esporte surge no âmbito de uma elite da sociedade ocidental moderna, com o intuito de manter o controle das emoções que se refletem no controle das ações motoras. Com efeito, ao ser apropriado por distintas comunidades promove-se uma mudança na educação do corpo dos indivíduos, devido à assimilação de técnicas



corporais esportivas. É por meio da prática e do treinamento sistematizado que se processa esta assimilação que tem como objetivo principal proceder a um aumento gradual do rendimento para a participação nessas competições.

De acordo com Kunz (2006), que analisa o treinamento especializado para crianças, as técnicas corporais alteram e impedem um desenvolvimento plural do indivíduo, principalmente se for iniciado “antes da fase pubertária”, por exigir uma especialização do indivíduo em determinada atividade ou função. Por conseguinte, percebe-se a possibilidade de a educação do indígena tornar seus corpos especializados com o treinamento sistematizado, sendo iniciado precocemente.

As técnicas esportivas correspondem à visão de mundo ocidental, fundamentada em uma organização social capitalista, sendo construídas e reconstruídas historicamente, com o intuito de aumentar sua eficácia. Essa noção de técnica do corpo proveniente da racionalidade moderna exigiu que outras atitudes, comportamentos e maneiras de fazer fossem abandonadas ou adaptadas ao modo de pensar e de sentir das sociedades industriais avançadas, pois a adaptação das técnicas corporais “é efetuada numa série de atos montados, e remontados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que ocupa” (MAUSS, 2003, p. 408). Portanto, as relações interculturais vivenciadas entre os povos indígenas e a sociedade nacional, realizadas por meio do esporte e do treinamento, possibilitam que haja uma adaptação do comportamento de diferentes indígenas ao estilo de vida moderno. Nesse âmbito, “não se trata de transmitir apenas uma maneira de fazer. Trata-se de transmitir uma outra visão de mundo, uma outra realidade, que se estende a todos os domínios da vida” (GRANDO; HASSE, 2001, p. 109).

Ao assimilar esse procedimento em sua rotina diária, o indígena pode reduzir a participação em atividades corriqueiras de suas culturas, imprescindíveis para a construção de sua identidade, por ter que dedicar grande período de tempo aos treinos e às competições. “Isto é um problema social muito complexo e que obedece às regras e princípios da competição e da concorrência próprias das sociedades industriais” (KUNZ, 2006, p. 53). Pensando na criança indígena sendo introduzida ao “sistema esportivo de rendimento”, ela pode incorporar valores da sociedade ocidental moderna e apresentar mudanças em seu comportamento, pois o treinamento é responsável pela constituição de um outro *habitus*, que se sustenta numa educação especializada do corpo, a fim de originar um papel social distinto entre os indígenas – o “atleta”.

A especialização, apesar de aparecer em práticas corporais tradicionais, é característica básica do esporte de alto rendimento, que, diferentes delas, fomenta a profissionalização dos mais aptos. Em relação à profissionalização de indígenas, vê-se esse fato como um meio de integração desses povos à sociedade global, como atores e como consumidores do fenômeno esportivo. Porém essa integração se dá de modo individual, vez que apenas os indígenas que se sobressaem na prática do esporte despertam o interesse do mercado esportivo, porém, de maneira desigual, pois não chegam a este mercado com as mesmas oportunidades.

De que mercado se trata?

O interesse econômico que desperta o esporte de alto rendimento pode ser constatado a partir das palavras de Bourdieu (1997), que observa a progressiva transformação do Comitê Olímpico Internacional (COI) em uma:



Grande empresa comercial com o orçamento anual de 20 milhões de dólares, dominado por uma camarilha de dirigentes esportivos e de representantes das grandes marcas industriais, que controla a venda dos direitos de transmissão (avaliados, para Barcelona, em 633 bilhões de dólares) e dos direitos de patrocínio, assim como a escolha das cidades olímpicas (BOURDIEU, 1997, p. 125-6).

Nesse ínterim, nota-se um processo de mercadorização dessa prática, tendo como ocorrência a penetração da lógica capitalista do consumo. Pode-se entender esse processo como uma demanda da indústria cultural, caracterizando também o esporte de alto rendimento como um produto cultural muito valorizado no mercado internacional. O esporte-mercadoria, veiculado pelos meios de comunicação de massa, está apoiado em uma ciência que busca soluções para um aperfeiçoamento físico e técnico, a fim de produzir campeões que reforçam o consumo de bens materiais e simbólicos.

Nesse grande comércio que se tornaram os eventos esportivos são produzidas imagens e discursos midiáticos capazes de atrair um numeroso público de consumidores aos bens esportivos. A televisão fornece maior espaço em sua programação aos esportes e aos atletas que propiciarem lucros e satisfizerem o orgulho de um público com vitórias. Na representação criada pela mídia, os atletas tornam-se as estrelas do espetáculo que, para serem reconhecidos, devem vencer, serem os melhores, os campeões. Contudo observa-se uma exploração simbólica e econômica das vitórias e uma industrialização da produção esportiva. A indústria cultural, por meio do produto esporte, colabora para que os indivíduos assumam uma forma de conduta que compreende ações de consumo de forma acrítica, como se observa no exemplo a seguir:

No Parque Nacional do Xingu, um jovem foi para a cidade e gastou o resultado do trabalho coletivo – R\$ 900,00 (novecentos reais) – na compra de uma chuteira e retornou à aldeia de seus pais sem os provimentos de combustível e alimentação; numa aldeia Xavante, o padrinho reclama o direito de dançar com o afilhado no final da tarde, agora tomado pela prática do futebol o dia todo quando não está na escola; sem dançar com ele, não pode orientar e ensinar [...]; entre os Pareci, alguns homens lembram dos jogos realizados entre as aldeias como um momento de festa e confraternização entre os parentes, já as mulheres lembram dos conflitos que o resultado do jogo de futebol gerou entre elas que nunca haviam brigado, mas ficaram dois meses sem conversar após os jogos; um ancião acadêmico do 3º Grau Indígena reclama da deseducação que o futebol traz aos jovens; muitos pais lamentam o fato de seus filhos chegarem do jogo com fome e cansados e não tendo o que comer, brigam com eles; os pais não tem mais tempo para educar seus filhos no trabalho da sobrevivência que cada um tem obrigação de garantir, já que passam o tempo todo jogando bola (GRANDO, 2005, p. 183).

Com efeito, o sentido do esporte-espetáculo construído e reafirmado a todo instante pela indústria cultural, principalmente pela mídia televisiva, tem influenciado o *habitus* social de uma sociedade globalizada. A abrangência alcançada pelo discurso esportivo, produzido por agentes



dominantes deste campo, tem propiciado com que os valores difundidos no esporte-espetáculo penetrem nas mais variadas sociedades tradicionais. Então, nota-se que o sentido de esportivização se faz presente nos mais diferentes grupos indígenas, alterando os sentidos de suas práticas sociais e econômicas, incorporando-os ao mercado mundial como consumidores do fenômeno esportivo.

Após a inserção do esporte nas sociedades indígenas no Brasil, as práticas corporais tradicionais vêm caindo em desuso ou sendo (re)significadas. Desse modo, as práticas corporais indígenas – Jogos e Brincadeiras tradicionais – passam a assumir as características básicas do esporte de alto rendimento em contextos específicos. Isto se deve ao fato da intensa inserção do esporte, principalmente o futebol nas comunidades, em que os mais jovens dão preferência à prática esportiva do que às cerimônias e festividades culturais, nas quais os jogos e as brincadeiras tradicionais são praticados. Não obstante, a ludicidade dos jogos tradicionais pode estar sendo substituída pela competitividade e o rendimento existentes no esporte. Portanto, em relação ao comportamento indígena, “o esporte pode demandar mudanças devido às características de organização que o estruturam” (VINHA; ROCHA FERREIRA, 2003, p. 155), havendo a possibilidade de distanciar os mais jovens dos valores tradicionais.

Por uma prática esportiva crítica e reflexiva nas comunidades indígenas

O esporte é uma prática social apropriada de forma diferenciada em realidades específicas. Ele se expande a outras configurações, devido sua apreensão por outros grupos sociais que lhe conferem um sentido diferenciado. O sentido atribuído ao esporte pode ser diferente daquele que é dominante, na medida em que se pode construir outra prática corporal. Nesse sentido, os atores sociais tornam-se agentes produtores de cultura, relativizam essa tendência e põem em evidência as decisões individuais e dos grupos de praticantes que assumem uma posição ativa, criando e recriando essas práticas culturais.

O futebol, elemento cultural da sociedade ocidental moderna foi apropriado pelas diferentes sociedades indígenas e adaptado à diversidade cultural das sociedades tradicionais. Por um lado, algumas condutas desenvolvidas na sociedade são reproduzidas no contexto desses jogos. Nesse sentido, o futebol é um elemento intercultural que, praticado de acordo com a estrutura do esporte de alto rendimento, contribui para que determinados valores, atitudes e comportamentos sejam assimilados por pessoas indígenas de diferentes etnias. Por outro lado, o futebol pode ser praticado de maneira distinta. (Re)significado pode-se compreender outro sentido em que a vitória ou a sobrepuljança não seja considerada como o aspecto principal do jogo. A estruturação desse jogo segue os princípios da dimensão recreativa do esporte, tendo:

[...] a compreensão de que em sua realização deve prevalecer o sentido lúdico, a livre escolha na participação e a construção pelos próprios sujeitos envolvidos de valores, sentidos e significados à prática desse esporte. Por meio dele o ser humano só, em pequenos grupos, ou em multidão, vivencia situações esportivas lúdicas e prazerosas. (BRASIL, 2008, p. 10).

Nesta maneira de vivenciar a prática de esportes, as atitudes dos jogadores dentro da partida estarão voltadas para o comportamento lúdico. Portanto, compreende-se que essa outra estruturação do jogo não instiga o princípio da sobrepuljança e competitividade exacerbada. Acredita-se que ao



compreenderem as diferentes formas de apreciar o esporte os povos indígenas possam (re)significarem esta prática adaptando ao seu padrão cultural, minimizado a assimilação de comportamentos indesejados

Considerações Finais

Assim sendo, compreende-se que o esporte a ser oportunizado pelo Estado aos povos indígenas no Brasil deva respeitar sua autonomia, isto é, o direito que esses povos têm de participar ativamente das decisões que dizem respeito às suas manifestações culturais. Sendo o esporte um elemento intercultural ele deve ser compreendido em sua totalidade, posto que, permite o contato de diferentes povos com valores, instituições e procedimentos distintos dos que lhes são próprios. Por conseguinte, cria-se a expectativa de oferecer aos indígenas o acesso a informações, conhecimentos técnicos e científicos, de modo a garantir-lhes o direito a autodeterminação.

Com isso, deseja-se que, a partir de então, os interesses desses povos possam surgir de escolhas fundamentadas pelos conhecimentos adquiridos, contribuindo para o planejamento, a execução e a avaliação de programas referentes ao esporte e ao lazer que respeitem a autonomia e o direito à diferença desses povos. A compreensão do fenômeno esportivo por meio do conhecimento construído historicamente possibilita com que aqueles que irão tratar diretamente com o esporte nas comunidades indígenas possam (re)significá-lo. O esporte pode e deve ser vivenciado de forma prazerosa e saudável pelos indígenas, no entanto, com respeito os direitos destes povos. Sua vivência e forma de organização nas comunidades indígenas devem coexistir com a prática dos jogos e das brincadeiras tradicionais, considerados como importantes elementos de reafirmação étnica.

Referências

- ALMEIDA, Arthur J. M. **Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Educação Física) UnB, Faculdade de Educação Física, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 2. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2003.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Material Didático do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Brasília: Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2008.
- FASSHEBER, José Ronaldo. “(re-) Pensando a educação física indígena” In: Veiga, Juracilda & Rocha Ferreira, M^a Beatriz (Orgs.). **Anais do 6º Encontro Sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: desafios atuais da educação escolar indígena**. Campinas: ALV, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; Brasília: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, p. 157- 165, 2005.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. “Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar”. In: Rezer, Ricardo (Org.). **O Fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.
- GRANDO, Beleni; HASSE, Manuela. “Índio brasileiro: intergração e preservação”. In: Fleuri, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura: estudos emergentes**. Ijuí: Unijuí, 2001.



GRANDO, Beleni. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT**. Florianópolis: Tese (Doutorado em Educação), UFSC, 2004.

_____. “Jogos dos Povos Indígenas: tradição, cultura e esporte na escola indígena” In: Veiga, Juracilda & Rocha Ferreira, M^a Beatriz (Orgs.). **Anais do 6º Encontro Sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: desafios atuais da educação escolar indígena**. Campinas: ALV, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; Brasília: Ministérios do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, p. 177-187, 2005.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University, 2004.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005*. Beto Ricardo; Fany Ricardo. São Paulo, 2006.

KUNZ, Eleonor. **Transformação ditádico-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados; CBCE, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vidas: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VINHA, Marina. “Retomada dos valores tradicionais vinculados à cultura corporal”. In: Veiga, Juracilda & Rocha Ferreira, M^a Beatriz (Orgs.). **Anais do 6º Encontro Sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: desafios atuais da educação escolar indígena**. Campinas: ALV, Núcleo de Cultura e Educação Indígena, Brasília: Ministérios do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, p. 145-156, 2005.

VINHA, Marina; ROCHA FERREIRA, M^a Beatriz. “Esporte entre os índios Kadiwéu”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 24, n. 3, p. 145-158, maio 2003.

_____. “Evento Nacional: jogos dos povos indígenas, jogos tradicionais e processo de esportivização” In: **Anais do XXIII simpósio nacional de história: história e paz**. CD Room. Londrina: Editorial Mídia, 2005.

Endereço: SQN 303 Bloco F apto 315 Asa Norte-Brasília/DF

E-mail: arthurjma@ig.com.br

Recurso tecnológico para apresentação: Computador e Data Show.